

OLISIPO

Boletim Trimestral do

GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

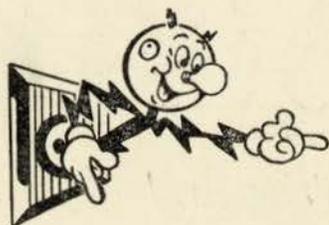


R. J. M. A.

Ano XXI
N.º 84

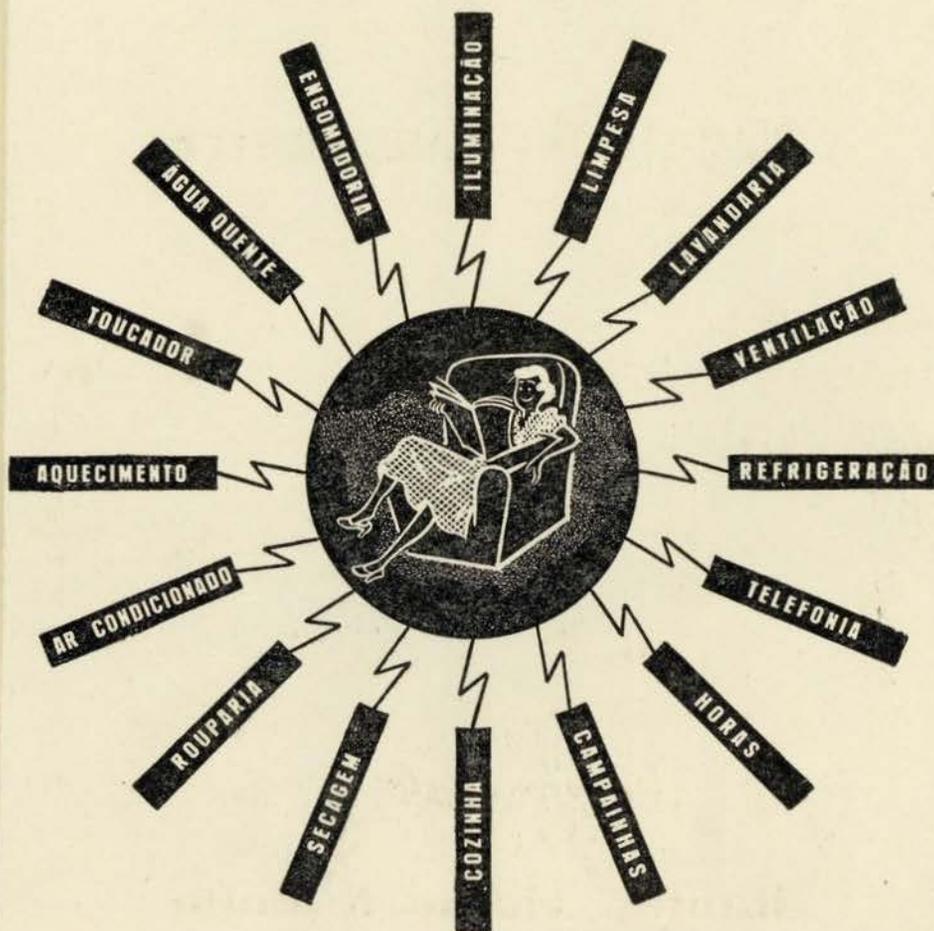


OUTUBRO
1958



EM SUA CASA

Rodeie-se de toda a comodidade eléctrica!



DISPÊNDIO MÍNIMO, SERVIÇOS INCOMPARÁVEIS

C^{AS} REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

LISBOA

L I V R A R I A
P O R T U G A L

Rua do Carmo, 70
L I S B O A

Telefone P. P. C. 30582, 30583 e 28220

• LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Serviço rápido de encomendas

Informações Bibliográficas

Dirijam os seus pedidos à P O R T U G A L
Rua do Carmo, 70 — Lisboa

Angelo G. Ramalheira

ENGENHEIRO CIVIL

Construções

Projectos de Estabilidade

Betão Armado

Avenida Sidónio Pais, 14, r/c.-E. — Tel. 49313

LISBOA

Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º — Tel. 26251

PORTO

O F I C I N A S
G R A F I C A S

Ramos, Afonso & Moita

L I M I T A D A

Composição manual e mecânica. Impressão rápida. Encadernação
Livros, Revistas, Magazines, Impressos comerciais e burocráticos
Livraria. Papelaria

R. Voz do Operário, 8 a 16

LISBOA

S. Vicente de Fora



SANTA CASA
DA
MISERICÓRDIA DE LISBOA



L O T A R I A
E X T R A C Ç Õ E S
S E M A N A I S

PRÉMIOS MAIORES

1 0 0 0 C O N T O S

2 0 0 C O N T O S

1 0 0 C O N T O S

5 0 C O N T O S

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública, nos termos da legislação em vigor

Companhia de Diamantes de ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00



Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo



Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Vice-Presidente

Com. Álvaro Morna

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Mr. Firmin Van Brée



DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. Gijbert Paz Andringa

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Sílvio Guimarães

A
LEGAL & GENERAL

agradece aos
«AMIGOS DE LISBOA»
a preferência que lhe têm
dado, para os seus
contratos de seguros

Capital e Reservas:

220 MILHÕES DE LIBRAS

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

**Casa
Maciel,
Lda.**

CASA FUNDADA EM 1810

Premiado nas exposições de Rio de Janeiro 1922, Barcelona 1929, e Industrial Portuguesa

FABRICANTE DE
LANTERNAS
em todos os estilos

Sortido completo em louças, folha de Flandres, ferro esmaltado, alumínio, Porcelanas, vidros e artigos de ménage

Tel. 2 24 51

63, Rua da Misericórdia, 65 — LISBOA



Companhia Nacional de Navegação

A MAIS ANTIGA EMPRESA ARMADORA
PORTUGUESA NAS CARREIRAS DE AFRICA

Sede: Rua do Comércio, 85 — LISBOA — Telefones 2 30 21 e 2 30 26

Sucursal: R. Infante D. Henrique, 73 — PORTO — Telefones 2 24 38 e 2 24 39

Serviço rápido de carga e passageiros para a África Ocidental e África Oriental, Índia, Macau e Timor

FROTA

Navios de passageiros		Navios de carga		Rebocadores
	D. W.		D. W.	
Moçambique	9.423	Sofala	12.145	Aveiro
Angola	9.550	Moçâmedes	9.120	Douro 1.º
Niassa	10.000	Rovuma	9.120	Beira
Quanza	6.230	S. Tomé	9.050	Cuio
Zambézia	1.857	Nacala	3.370	Lanchas em serviço
Lúrio	1.857	Tágus	1.630	Lucala
Índia	7.000	Chinde	1.543	A
Timor	7.000	Angoche	1.532	C
Save	1.330			D
1 Pacote (em const.)	20.000			E
				F

33 batelões em serviço

SEGURO POPULAR DE VIDA



50\$00

POR MÉS
É O CUSTO DE UM

SEGURO POPULAR DE VIDA

QUE A

COMPANHIA DE SEGUROS
IMPÉRIO

OFERECE
EM EXCLUSIVO
AS
ECONOMIAS MAIS MODESTAS

O semeador

PORQUE SEMEIA COLHE

O SEGURO POPULAR DE VIDA

É SEMENTE QUE FRUTIFICA



COMPANHIA
DE SEGUROS

R. GARRETT, 56 LISBOA

IMPÉRIO

Porcelanas da
VISTA ALEGRE

. . . apreciadas pelos Lisboaetas de bom gosto há mais de



UM SÉCULO

Largo do Chiado, 18 • Rua Ivens, 19 • LISBOA

FRIGORÍFICOS

MÁQ. de COZINHA

ELECTROLUX

ASPIRADORES

ENCERADORAS

OURIVESARIA DA GUIA

fundada em 1875

JOIAS - OURO

PRATA - RELÓGIOS

Na sua nova Sede: Rua Dom Duarte, 4-B - Tel. 863936 - LISBOA

Moita

27. JUL. 1988

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXI

OUTUBRO 1958

NÚMERO 84

Director: MATOS SEQUEIRA

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 2 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16
Direcção gráfica de Luís Moita



SUMÁRIO

	Pág.
FRANCÍLIA, PASTORA DO TEJO por <i>D. Guida Keil</i>	159
UMA RECORDAÇÃO SEBÁSTICA NO SÍTIO DA LUZ (Uma pedra de armas, um testamento e um poema) pelo <i>Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves</i>	173
ACTIVIDADE CULTURAL no trimestre passado	180
FEIRA DA LADRA	183
CAPA: Antigo Largo de S. Roque, hoje Largo Trindade Coelho	

Distribuição gratuita a todos os sócios
Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

OLISPO

WOLFF & PETERSEN

OLISPO is a powerful, efficient, and safe disinfectant for all types of surfaces.

It is effective against all types of bacteria, viruses, and fungi.

OLISPO is used in hospitals, laboratories, and public buildings. It is also used in homes for the disinfection of floors, walls, and furniture.



OLISPO ELECTROUX



OLISPO is a powerful, efficient, and safe disinfectant for all types of surfaces. It is effective against all types of bacteria, viruses, and fungi. OLISPO is used in hospitals, laboratories, and public buildings. It is also used in homes for the disinfection of floors, walls, and furniture.

OURIVESARIA DA CIA

OLISPO

OLISPO is a powerful, efficient, and safe disinfectant for all types of surfaces. It is effective against all types of bacteria, viruses, and fungi. OLISPO is used in hospitals, laboratories, and public buildings. It is also used in homes for the disinfection of floors, walls, and furniture.

FRANCÍLIA

PASTORA DO TEJO

Conferência

Proferida na sede do Grupo em 26 de Julho de 1958

por GUIDA KEIL

1

NAS peregrinações que nós, os curiosos de velharias, fazemos por bricabraques e alfarrabistas, deparam-se-nos por vezes, (e felizmente!) pequenas surpresas, quer em objectos quase sem valor, quer em livros, folhetos ou simplesmente o que nós designamos por «papéis», isto é: coisas escritas ou impressas às quais cada um dá o valor que quer ou sabe, conforme os seus conhecimentos ou preferências, ou a fantasia avoluma em conjecturas que se transformam em sonhos e romances.

Um dia, caiu por acaso nas minhas mãos um velho folheto esfarrapado ao qual faltavam folhas, impresso em Buenos Aires, na Tipografia Portuguesa, Rua da Reconquista, 156, datado do ano de 1892, e cujo título era: «Genealogia da Família Possolo». Começa assim:

«Matias Germack, barão de Havenstein, na Bohemia, teve do matrimónio com Rosa Germack, sua prima, nascida na cidade de Horn (Bohemia) dois filhos dos quais o primogénito lhe sucedeu no título que n'ele se extinguiu por falta de sucessão e porque o irmão segundo se tornou inábil pelos motivos que abaixo seguem...»

Aqui, começou a minha curiosidade a trabalhar pois que a página estava rasgada exactamente ali e fiquei sem saber os «motivos».

Mais adiante havia referências a Possollos... Alípios, Nicolaus, Joanas, Augustos, Nicoletas... indicações de descendentes que por sua parte constituíram famílias em Portugal, no Brasil, Itália, Uruguai, Montevidéu, Buenos Aires e até na Índia! Nada mais me permitia coordenar uma genealogia que começara a interessar-me bastante. E, meti ombros à tarefa de saber com segurança que relação tinha o barão Matias, da Boémia com os Possolos, muitos deles bem conhecidos em Portugal. Depois de muito trabalho, buscas e rebuscas, eis o que consegui averiguar e vou contar aos meus caros consócios dos «Amigos de Lisboa» e a mais algumas pessoas que se dignaram vir até aqui para ouvirem a minha palestra.

De facto, Matias Germack, barão de Havenstein, teve, do seu casamento com a prima Rosa, dois filhos. O primogénito, herdeiro do título, morreu sem sucessão e o segundo filho, Fayt Germack, coronel de um regimento húngaro, batera-se em duelo com um oficial, húngaro também, e para sua desdita, matou-o. Como este pertencia à velha nobreza, logo a família começou uma terrível perseguição a Fayt; mas os Germack conseguiram que Fayt fosse incluído no séquito da princesa Mariana de Áustria que, do seu país saía para Portugal, desposada do rei Dom João V, no ano de 1708. A nova rainha estimava muito Fayt Germack, mas passado algum tempo chegaram à corte de Lisboa reclamações diplomáticas contra ele.

Para não comprometer as boas relações entre as famílias reais nem complicar as diplomáticas, forçoso foi afastá-lo de Portugal, embora a excelente senhora que era Dona Mariana de Áustria continuasse a protegê-lo. Foi para Itália, fixou-se em Milão; sua mulher, Ana Picaluga e seus 4 filhos reuniram-se-lhe. Os filhos, Nicolau, Carlos, Fayt e Estêvão, foram educados em Génova; os dois primeiros dedicaram-se ao comércio e os outros à Igreja; destes, Fayt que fazia parte do Cabido da catedral de Génova, aconselhou os irmãos comerciantes, a mudarem o nome, por causa da perseguição à família, que já dera tanto que falar, abolindo o apelido Germack e passando a usar o de *Pouzuóllo* — nome de uma cidade italiana onde tinham interesses comerciais. Os dois irmãos mais velhos, Nicolau e Carlos, talvez influenciados pelo que ouviram de seu pai, sobre Portugal onde esteve refugiado algum tempo na corte que era uma das mais ricas e luxuosas da Europa, resolveram estabelecer em Lisboa a sua vida comercial e familiar. O mais velho, Nicolau, casou em Lisboa, no ano de 1743 com sua prima Joana Eusébia e o mais novo, solteiro, passados anos morreu deixando todos os seus bens ao irmão já possuidor de

avultada fortuna e que, assim constituiu uma das mais poderosas casas de Lisboa, quer em fundos, quer em propriedades rurais e urbanas; no Largo do Corpo Santo onde vivia, todos os prédios eram seus; tinha uma vasta quinta no sítio da Lapa, que pela sua beleza e frescura era o passeio predilecto da boa sociedade lisboeta nas tardes de verão. Dom João V que distinguia Nicolau, costumava passar uns bons momentos em conversa amena com o riquíssimo argentário que já em Portugal era conhecido pelo apelido de *Possollo*, forma aporteguesada da italiana *Pouzuóllo*. Contava-se que tiveram um dia uma pequena questão porque o rei, desejando comprar-lhe as estátuas que ele mandara vir de Itália para colocar na quinta, Nicolau não as queria vender; mas em face da insistência de sua majestade, constrangido, quis oferecer-lhas... o que Dom João V não aceitou.

O sítio da Lapa era então, ermo, o que muito desgostava o proprietário que mandou edificar nos espaçosos terrenos contíguos à quinta, um bairro de casas de habitação cedendo-as, de graça, durante 3 anos a famílias menos abastadas.

Como o terremoto de 1755 abalasse e destruísse as casas do Corpo Santo, Nicolau mandou então erguer um palácio para sua moradia, na Quinta, com frente para a Rua de Santana, luxuosa edificação para a qual vieram de Itália mármore e peças esculpidas nas preciosas pedras de Carrara, colocando no portal as armas dos Possolos: um losango cortado; em chefe, uma águia de prata sobre campo azul; em contrachefe uma serpe alada repousando em um *poço* («pouzzuolo») sobre campo verde.

No interior, o palácio correspondia totalmente ao exterior. Móveis, tapeçarias, quadros, objectos de arte, ricas pratas, baixelas de porcelana da China, Sèvres e Capo di Monte, figuravam nos banquetes servidos por criados de libré; a opulência dos Possolos era conhecida em toda Lisboa e a sucessão da família estava assegurada pelos filhos: Nicolau, Cesário, Alípio, Eulália e Nicoleta. Foi pois, morto o pai, mais um Nicolau o representante dos Germacks Possolo.

Casou Nicolau nesta cidade com Dona Maria do Carmo Correia de Magalhães Botelho de Moraes Freirão Callabre e até 1790 residiram na Rua de Santana à Lapa. Deste matrimónio houveram muitos filhos e filhas, 26...

Uma, a 3.^a, teve por nome *Francisca de Paula*, nasceu no dia 4 de Outubro do ano de 1783 no palácio dos Possolos; em berço de ouro se

criou; cercada de carinhos e riqueza; desde muito nova mostrou preferência pelo estudo que lhe foi cerceado por sua mãe, afeita aos velhos preconceitos portugueses, reminiscências do tempo dos mouros, pretendendo que a uma mulher, para sua felicidade nada mais era preciso saber do que os cuidados do lar. Além das prendas femininas de coser, bordar, fazer doces e... ser escrava dos caprichos do seu senhor, nada mais lhe ensinaram que ler e escrever.

Ler!... ler era o que ela queria! mas não lhe era consentido senão um ou outro livro escolhido por sua mãe e que nós, se nos reportarmos àquela época, poderemos fazer ideia do que seriam. Enquanto a escrever... se uma pena na mão de uma mulher era um monstro perigoso, quanto mais para uma menina bem nascida e rica, amante de poesia, essa flor que na sua alma desabrochava.

Contudo era esse o maior anseio de Francisca de Paula que, ocultando-se de seus pais, escrevia, escrevia, versos e prosa, sabe Deus como! Mas precisava dar largas à sua incipiente vocação.

Um dia, adolescente, viçosa e bela, tão graciosa que a todos encantava, um acaso lhe deparou as obras de Cervantes. Foi um deslumbramento para a sua ignorância, foi a fonte onde bebeu, o lago onde se banhou a sua abrasada imaginação. Foi Cervantes o seu primeiro amor, o seu mundo, os seus sonhos. Lia-o, traduzia-o decorava-o... Depois, muito mais tarde, leu Camões, que admirou com devoção e veio aumentar os seus conhecimentos. Dizia Francisca: «muito vai, agora o vejo, do cuidar ao pôr em obra!» — Não foi possível ocultar por mais tempo à família, a vocação literária de Francisca e então permitiram-lhe a leitura de livros portugueses e deram-lhe uma professora de francês, uma tal *madame* Cunha que fora colaboradora da gramática de La Rue. Mas... bons mestres e bons livros franceses não lhos permitiram e ela continuou a sua auto-educação devendo à sua inteligência e diligência quanto aprendeu. Chegara aos 19 anos; as suas poesias descreviam as belezas do campo, da Primavera, das árvores e das avezinhas...

Referindo-se a Francisca de Paula diz António Feliciano de Castilho, seu devotado amigo:

«Era um cantar gracioso e sem ambição de que o ouvissem nem os ecos! um cantar por gosto e por cantar, como a andorinha nova que revoa por entre quantas folhas das árvores que de longe avistou da janelinha do seu ninho; mas se a andorinha é da Primavera, a Primavera é do amor; sai-se de sob as asas maternas para avoejar e cantar pelos ares largos e serenos, visitar e festejar as

formosuras da criação, inspirar e expirar por todos os poros mocidade, que são os feitiços do mundo e uns quase antegostos da bem-aventurança; porém, ao sair, logo ali ou pouco adiante, por baixo das folhas verdes, jaz escondido o laço onde toda a liberdade vai parar, toda a alegria converter-se em penas já cruéis, já suaves, toda a amplidão do futuro resumir-se num só desejo: o amor.»

Francisca de Paula, amou. Foi João Baptista Ângelo da Costa, oficial da marinha portuguesa quem, no seu coração despertou aquele sentimento que os levou a casarem-se no dia 16 de Abril de 1813, com grande satisfação das respectivas famílias.

II

Nos fins do século XVIII iniciou-se um movimento de reacção à decadência literária portuguesa, decadência que fora motivada principalmente pelas leis de 1770 que proibiram em Portugal a tradução, a publicação e até a leitura, das obras dos filósofos franceses: Voltaire com as suas opiniões sobre o Cristianismo; Diderot e o seu ateísmo; Rousseau com o «Contrato Social»; Grebillon, Descartes, D'Alembert, Montesquieu que havia escrito as famosas «Castas Persas», crítica aos costumes sociais e política, desde logo conhecidas em todo o mundo. Estas e outras obras, que foram o fermento da revolução francesa também sugeriram a independência ao Brasil e a constituição dos Estados Unidos da América com as leis da igualdade de todos os homens.

Em Portugal, o efeito da proibição e o receio das perseguições dos tribunais da Inquisição quase haviam paralisado a vida intelectual e a instrução pública; o povo estava mísero e embrutecido pelo fanatismo; a corte era beata e nula; os judeus ou cristãos novos, em geral gente culta, haviam fugido para países estrangeiros; escritores portugueses tinham também saído do reino, para a França, país das liberdades literárias onde fomentaram a reforma à rotina e abatimento da literatura portuguesa. Depois, já no reinado de D. Maria 1.^a, fundaram-se em Portugal colégios, aulas de comércio, juntas literárias, museus, faculdades e as academias.

Além da Real Academia das Ciências e a de História (esta fora fundada por Dom João V) havia por esses tempos muitas... Academia dos Ocultos; dos Aplicados; as Problemáticas (uma em Setúbal e outra em Guimarães), a dos Ilustrados; dos Laureados; dos Obsequiados; dos Unidos; Latina-Portuguesa; Mariana... outras mais, e... as Arcádias! A primeira foi a Arcádia Ulissiponense, fundada por António Dinis da Cruz e Silva

e Manuel Esteves Negrão para, segundo as suas palavras «formar uma escola de bons exemplos em matéria de eloquência e de poesia que servissem de modelo aos mancebos e estudiosos e difundisse por toda a nação o ardor de restaurar a antiga beleza destas esquecidas artes». Queriam eles dizer com estas suas palavras que sem a lição dos gregos, era impossível enriquecerem as suas composições das belezas poéticas de Virgílio, Horácio e outros poetas da antiguidade.

«Arcádia», era o nome de uma província grega, sede da poesia e da música. Cada sócio era obrigado a escolher e usar nos seus escritos o nome de um dos pastores cantados pelas musas da Grécia; por exemplo: Correia Garção era Corydon Erimanto; Reis Quita, Alcino Nicénio; Cruz e Silva, Elpino Nonacreense; Manuel de Figueiredo; Lycidas Cyntio; Esteves Negrão, Almeno Sincero... e assim por diante.

Trinta e quatro anos depois da Ulissiponense, fundou-se a «Nova Arcádia» que seguia os passos daquela tendo por sócios Bocage, Elmano Sadino; José Agostinho de Macedo, Elmiro Pagideu; Curvo Semedo, Belmiro Transtagano e muitos outros.

De tantos poetas e alguns de real talento, os nomes que usaram parecem-nos hoje, à distância do tempo, pretensiosos e um pouco ridículos, como o era, se bem pensarmos, a própria Arcádia apesar das suas boas intenções. Um grande escritor da época, escreveu referindo-se a essa academia as seguintes palavras: «Camões e Bocage foram grandes mestres e pequeníssimos discípulos, e alguns é bom não nomear, da mui benemérita e mui sensabor Arcádia que em santa paz descanse já que em glória não pode ser». Mas era moda de bom-tom a reminiscência grega para os poetas e Francisca de Paula não resistiu a usar também um nome mais ou menos arcádico e resolveu chamar-se *Francília, Pastora do Tejo* incluindo-se na tal academia «benemérita e sensabor» segundo opinião do grande mestre, continuando a cantar em verso as árvores, os ribeiros, passarinhos e rosas, rimando, amor com pudor; amargura com pura; destino, com ferino; rigores com amores; amoroso com estremoso, embevecida como estava no seu amor a «Jonio» como passou a chamar ao esposo amado João Baptista Ângelo da Costa.

Instalaram-se os noivos em uma bela casa da Rua das Trinas de Mocambo; viviam ricos dos bens da fortuna opulenta, da saúde, paz, alegria, estima de quantos os conheciam e como muitos esmoleres que eram, adorados pelos pobres do bairro de Mocambo.

João Baptista, demissionara da carreira da marinha para dedicar-se à esposa e à vida mundana. Recebiam como príncipes, visitas de parentes e amigos; todas as noites ao serão havia música e frequentemente baile; serviam-se doces e refrescos; conversas animadas enchiam de alegria os salões; armaram um bonito teatro no qual Francília, o marido e pessoas amigas representavam peças ao gosto da época com sugestivos títulos, escritas ou traduzidas por Francília, de complicado enredo e muitas personagens: príncipes e pastores, duquesas e plebeus... «Ricardo ou a Força do Destino» e o «Duque de Clèves» em verso, foram das mais apreciadas e aplaudidas. À casa da Rua das Trinas, acudiam aqueles que a Francília mais agradava receber; poetas e literatos: a Marquesa de Alorna; o Conde de Óbidos; Massuelos Pinto; Almeida Garrett; o brasileiro barão da Pedra Branca, diplomata e poeta; José Maria Grande, médico, botânico, par do reino; o padre José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouveia, poeta lírico, a quem chamavam o «Horácio português»; João Pimentel Maldonado; António Feliciano de Castilho, devotado amigo de Francília... que nomes evocativos daquela época ainda com ressaibos de preciosismo mas já nos primórdios do Romantismo!

III

Por todo o mundo lavrava uma agitação política iniciada com a revolução francesa e o nosso país não escapou às intrigas da Espanha, Inglaterra e França que conduziram às campanhas de Russilhão, tão desgraçadas para nós, com todos os tratados, convenções e alianças de que fomos vítimas, até às invasões francesas de Napoleão e à fuga da família real para o Brasil.

Depois... Dom João VI voltou, reinou como pôde durante 5 anos e... morreu.

Começaram então as lutas liberais e absolutistas. Dom Pedro... Dom Miguel; Dom Miguel... Dom Pedro... Viva a Carta... Morra a Carta... e Portugal de lés a lés vibrava, nesse ano de 1826, fértil em acontecimentos.

A Infanta Dona Isabel Maria era a Regente; Dom Pedro, no Brasil, outorgou a Carta Constitucional e abdicou em sua filha Dona Maria da Glória; Dom Miguel reclamava seus direitos ao trono; formaram-se par-

tidos; as revoltas e conjuras sucediam-se; nas ruas, eram frequentes as desordens... nos salões da Francília vivia-se toda esta agitação, ali se reuniam seus amigos e se discutiam as desencontradas notícias que chegavam das províncias e do Brasil. Não sei se conspiravam... quero crer que não... eram liberais, compartilhavam e defendiam os ideais de Dom Pedro.

No teatro de São Carlos, reaberto após 3 meses de rigoroso luto por Dom João VI, decorria com brilho a época lírica. Cantava a *Sicard*, paixoneta de Garrett, e a *Petrália* bela voz de contralto; como sempre, as duas *divas* tinham os seus partidários que se manifestavam ruidosamente com palmas, ou pateadas, gritos, palavras azedas e às vezes chegavam a ter conflitos graves.

Tudo isto animava aquelas memoráveis noites de ópera, tão de agrado do público lisboeta que enchia a sala. A regente Dona Isabel Maria, assistia aos espectáculos e ordenava que se desse conhecimento ao público das notícias que chegavam, das lutas travadas nas províncias e dos acontecimentos de importância.

O espectáculo interrompia-se, a Regente era aclamada e logo apareciam no palco poetas ou artistas que declamavam versos, odes ou hinos patrióticos, delirantemente aplaudidos.

Francília não resistiu à tentação de escrever alguns sonetos que em São Carlos foram recitados nos dias *faustíssimos* (como ela disse) de 12 de Agosto, alusivo à conjura miguelista de Julho, sufocada em Lisboa e Chaves; de 15 de Outubro, anos de Dom Pedro, e de 30 de Outubro, cantando-se em coro no palco e na sala o Hino da Carta com vivas a Dom Pedro e à Constituição.

*«Monstros que o Luso nome deshonraстеis!
Opprobrio da nação, vós rebellados
Que de hum falso interesse deslumbrados
A honra nacional enxovalhasteis!*

*Quaes são, quaes são os fructos que tirasteis
Do vosso horrendo crime, ó desgraçados!
De huma vergonha eterna carregados,
Ódio e horror do mundo vos tornasteis!*

*Ide, infames, a Pátria vos detesta:
Indignos de perdão, justo castigo
É sómente na Pátria o que vos resta!*

*Excelsa Pátria! Alegra-te comigo!
A presença dos máos teu ar infesta
Lysia só deve ser, de herois o abrigo!»*

12 de Agosto de 1826.

*«Berço de herois! Ó Lysia, ó Pátria amada!
Grato asilo da honra e da verdade
Emquanto a tua augusta Liberdade
Do despotismo aos pés não foi calcada!*

*Ergue sem susto a fronte amargurada,
Affoita encára os planos da maldade,
Que o grande Pedro, assombro d'esta idade,
Anniquila, destroe, reduz a nada!*

*Eis por terra os grilhões em que gemias
Eis em gloria trocada a horrível somma
Dos opprobios, dos males que soffrias!*

*Graças ao Rei, que o monstro dôma
Que faz na Pátria renascer os dias
Dourados dias que vio Grécia e Roma!»*

12 de Outubro de 1826.

*«Dia solemne! Ó dia memorável!
Como brilhas na limpa athmosfera!
Como fulminas a desgraça féra
Oppressora da Pátria inconsolável!*

*Que prazeres, que jubilo entranhável,
Teu doce incluso em nossas almas gera
Que immensos bens de ti a Patria espera,
Dia solemne! Ó dia memorável!*

*Tu vais abrir aos Lusos desgraçados
Do commercio e das artes o thesouro,
Que já outr'ora os fez tão respeitados!*

*Tu vas fazer cessar nosso desdouro,
Nossos fóros por ti recuperados,
A Portugal trarão a idade de ouro!»*

30 de Outubro de 1826.

IV

Apesar de tudo isto a vida corria fácil e agradável para os donos daquela luxuosa casa, mas!... mas a *fortuna* é vária (ou não fosse ela mulher!). De olhos vendados, o pêzinho sobre a roda alada, cabelos ao vento, correndo pelo mundo semeando as suas benesses, não sei por que artes ou enganos foi desviada do caminho que a conduzia às Trinas do Mocambo onde Francília e Jônio viviam... ou talvez estes, seduzidos pela glória e a existência em extremo luxuosa que levavam, não cuidassem de administrar seus cabedais, o caso é que um dia, após 20 anos de esplendor, se viram forçados a fechar os seus salões, a terminarem os famosos şaraus. Cerraram-se os portais e a casa ficou triste como tristes estavam os donos, com a recordação dos prazeres mundanos e da mocidade fanada. Francília tinha 46 anos, naquele tempo... era o princípio da velhice para uma mulher e ela serenamente, aceitou a decadência, dedicando os seus cuidados ao marido que, mais do que ela precisava de amparo moral. Uma noite porém, sem que nada o fizesse supor, João Baptista morreu repentinamente. A dor de Francília foi imensa, humana, nem mesmo a sua alma poética lhe deu lenitivo naqueles momentos trágicos em que ficou separada do seu companheiro.

Isolou-se na sua casa de tão grandes recordações e só passado um ano pôde escrever estes versos que enviou a uma pessoa devotadamente amiga que estava longe.

*«Vítima infausta de cruéis saudades
Saudades que da morte a foice avara
De esp'ranças despojou; quasi na borda
Da Horrivel sepultura que incessantes
De atros desesp'ração as mãos preparam,
O derradeiro adeus Francilia grata
Envia ao caro irmão! Lastíma, ó vate,
A desditosa amiga. Alguns momentos
Praze á memoria de Francilia o nome,
E sobre o seu destino miserando
Uma lagrima, um ai desprende ao menos!
Adeus, e para sempre! Eu deixo a vida!
Triste, isolada em meio do Universo,
Da vida que farei?... Perdi o Esposo;
Perdi Jonio, o meu bem, o meu tesouro,
Já nada tenho que me prenda ao mundo!»*

Francília cuidava sinceramente que morria, que não resistia à sua desdita; mas o facto de compor versos, mesmo deste desesperado romantismo era já um sinal do amortecer do seu desgosto, o instinto a sobrepor-se ao desvario, a necessidade de repouso de espírito que só a poesia lhe poderia dar para exalar os seus queixumes.

Todos os seus versos desse tempo eram dedicados ao marido; escrevia-lhe cartas para o além, enclausurada nos seus aposentos, carregada de crepes, o rosto de marmórea palidez, os cabelos soltos, os olhos cintilantes de lágrimas e de amor, encharcava-se de poéticas recordações, burilava em verso o seu desgosto, teatralizava a sua viuvez, revivia a sua íntima felicidade conjugal... Era correspondência funérea e... erótica, era salpicada da crença religiosa que lhe prometia o encontro supremo com o esposo amado. Francília era cristã por princípios e talvez por sincera Fé. Houve um momento da sua vida em que o paganismo a tomou, pois que, os mais altos espíritos da intelectualidade assim o consentiam; no entanto não alardeava essa «peste social do materialismo» como diziam os sensatos cristãos do tempo... mas quando perdeu o marido e os bens, o abalo que sofreu a converteu de novo à Fé. Porém, a saúde, lhe ia faltando, era impossível continuar a viver na casa de Lisboa onde se consumia com a tristeza das recordações, recusando qualquer distracção que lhe apartasse o espírito do amor de além-túmulo dedicado ao seu João Baptista.

Foi pois, levada por parentes para uma sua quinta no Cartaxo. Quatro anos decorreram sossegados, recobrando bens de corpo e alma, virtudes seráficas com práticas de beneficência e meditações à sombra de um frondoso ulmeiro onde passava os seus dias lendo, cismando e escrevendo. No mês de Maio de 1838, Francília adoeceu e não mais voltou para a sombra do ulmeiro. Morreu tranquila e lúcida, sorrindo à esperança do supremo encontro com o seu Jónio.

Quem por curiosidade ou por dever de saudade por algum ente querido, for ao cemitério dos Prazeres poderá ali procurar um mausoléu de mármore branco tendo esculpidas duas mãos entrelaçadas sob as quais se lê:

PERPETUA FIDELIDADE

Aqui jaz João Batista Angelo da Costa nascido em Lisboa aos 2 de Agosto de 1781 falecido aos 16 de Novembro de 1830 e Dona Francisca de Paula Possolo da Costa nascida na mesma cidade aos 4 de Outubro de 1783 e falecida aos 19 de Junho de 1838. A morte d'ele os separou pela primeira vez; a saudade d'ela os tornou a reunir para sempre n'este sitio.
Dae-lhes um sufragio mas não lágrimas.

Francília, Pastora do Tejo, não deixou uma obra valiosa e vasta, no entanto alguma coisa, hoje quase esquecida, existe em bibliotecas particulares e nas mãos de pessoas da família Possolo: impressos, manuscritos originais e traduções: um volume de poesias (248 páginas) que foi publicado em reduzido número de exemplares, considerado hoje uma raridade bibliográfica; duas novelas, uma das quais «Henriqueta de Orléans»; duas comédias; «Ricardo ou a Força do Destino»; «Duque de Clèves», em verso. Traduções de «Corina» de M.^{me} Staël, com anotações, «Carta do Conde las Casas dirigida de Santa Helena ao Príncipe Luciano Bonaparte»; a «Pluralidade dos Mundos» de Fontenelle com um prefácio seu, e um folheto com os sonetos de S. Carlos.

De Francisca de Paula existiam dois retratos, um pintado por Bento Dufourcq, e outro pelo pintor e miniaturista Almeida Santos, que assinava as suas boas miniaturas apenas «Santos». Um destes retratos, não sei qual, foi publicado no velho «Panorama». Não consegui saber onde estão presentemente.

E o palácio que pertenceu aos Possolos?

A páginas 59 da 1.^a série das «Peregrinações» de Norberto de Araújo, se lê que na Rua de Santana à Lapa, n.º 121, à esquina da Travessa das Almas, se encontram os restos decrépitos do palácio dos Possolos, de estilo de setecentos com 8 varandas e portal brasonado, evocando a vida solarenga de entre a Lapa e Boa Morte de há 200 anos; depois dos Possolos ricos comerciantes italianos do século XVII, pertenceu a Gustavo de Matos Sequeira, que detém a propriedade hoje habitada por famílias pobres, destinada a demolir. Mais não diz a «Peregrinação» mas eu sei ou creio saber! que as estátuas e os azulejos foram adquiridos pelo Martins das Carnes para a sua casa de Benfica ou possivelmente para a quinta de Coina e o palácio foi de facto demolido para as obras da Avenida Infante Santo. Resta o brasão que encimava o portal; creio que está na posse da família do Sr. Diogo Possolo há pouco falecido (1).

Foi, para mim um prazer dar a conhecer aos meus «Amigos de Lisboa» Francília, Pastora do Tejo, figura sem grande projecção na história da literatura portuguesa mas que teve o seu interesse no meio burguês rico em que viveu, eivada de um romantismo que a nós agora parece inverosímil; lembremo-nos porém que se tratava de um período no qual todas essas atitudes românticas eram usuais e coerentes; um período histórico, repleto de agitações políticas, de intenções reformadoras e que tudo isso se repercutia na vida lisboeta apesar da placidez dos nossos costumes de então. Foi principalmente por a vida de Francília ser bem representativa da sua época nesta nossa cidade, que nos pareceu curioso estudá-la e evocá-la nesta casa. Procurei dar à minha palestra um estilo e até uma linguagem adequada ao século XIX para assim dar melhor realce, ou moldura, ao retrato de Francília, que tem por fundo, LISBOA!

Resta-me agradecer às pessoas que me ajudaram com as suas informações a reconstituir este quadro, em especial à minha Amiga Maria Lina Possolo da Costa; a Guilherme Possolo; a Maria Spranger, a sua colaboração preciosa de declamadora; aos Amigos de Lisboa, que me receberam na *nossa casa* e ao sempre amável supersecretário e superamigo Dr. Eduardo Neves.

A todos, muito obrigada.

(1) ADITAMENTO

A este interessante artigo, permito-me acrescentar algumas palavras de mais moderna informação que servem para a história do palácio dos Possolos, na Rua de Santana à Lapa.

A seguir ao desmoronamento da quantiosa fazenda destes magnates italianos, alguns dos seus bens foram executados e penhorados, entre eles a quinta e o Palácio da Lapa. Passaram então à posse de outra família abastada — os Castros Padrão, oriunda de Cascais — que os possuíram até meado do século XIX. A última proprietária desta família, foi D. Letícia Rosa Arminda do Carmo da Mota, viúva do Capitão-de-Mar-e-Guerra Duarte Pereira de Castro Padrão, falecido em 1828. A referida D. Letícia, legou tais propriedades, e um antigo vínculo na Azambuja, ao seu Procurador António Eugénio de Andrade da Cunha, e por morte deste, solteiro e sem descendência, herdou estes bens sua sobrinha D. Teresa Emíldia de Andrade Curvo Semedo. Esta senhora, que também faleceu solteira, testou a favor de minha mãe, sua única parenta, toda a fazenda que fora dos Padrões, na qual se incluía o palácio e a quinta da Rua de Santana, solar cidadão dos Possolos.

Conheci os salões da ala sul do palácio, onde havia um teatrinho particular, e algumas vezes passeei entre as áleas de buxo da quinta ornadas das estátuas de mármore (eram oito) que os Possolos tinham mandado vir da Itália. Sei que sete foram para uma quinta em Benfica e uma esteve, não sei se ainda está, num quintal de uma casa cujas traseiras voltam para a Rua da Academia das Ciências. Essa ala sul da casa nobre, foi vendida por meu pai (ouvi dizer que por sete contos de réis) a um N... Mayer, e a quinta, que entesta com a Tapada das Necessidades e com a Rua do Possolo, por vinte e oito, ao rendeiro dela que se chamava Lourenço Eloy. Das estátuas não me lembro se o vendedor foi o procurador de meu pai, ou se foi ele próprio.

A ala norte da casa (as duas alas eram separadas por um portão armorejado, para onde se entrava para a parte rural da propriedade), chegou às minhas mãos por falecimento de minha mãe. A Câmara Municipal de Lisboa, expropriou-a em 1942. Já mal se adivinhava a nobreza do velho edifício seiscentista que fora solar dos nomeados genoveses descendentes dos Barões de Havenstein.

Matos Sequeira.

Uma recordação Sebástica no Sítio da Luz

(*Uma pedra-de-armas, um testamento e um poema*)

*Comunicação feita em 27 de Julho de 1945
à Assembleia Geral da Associação dos Ar-
queólogos Portugueses pelo Sócio Efectivo
Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves.*

Senhor Presidente
Ilustres Confrades

Numa tarde amena de Outubro de 1570 — dia de S. Simão —
jornadeava de S. Marcos para Tentúgal a Corte Portuguesa, ora em
passo lento de jornada, ora em correria de devaneio venatório, quando
na sua ida a Coimbra se deslocava o Soberano, o Senhor Rei D. Se-
bastião.

Cerca da ribeira do Tojal, afluente do Rio de Sacavém, vindo de
Odemira, segundo reza a crónica de Faria e Sousa, Sua Majestade preci-
pitou-se como sempre ardido de fegosidade ante o lance da caça e
veio a ficar preso no lamaçal imenso da ribeira, prestes a afogar-se

Distanciado da Corte, pereceria se não fosse o acaso providencial
da presença inesperada duma mão amiga e solícita que detimida-
mente se precipitou às águas e o salvou. Era essa mão a do Escrivão
da sua Câmara e da do Mestrado de Cristo, Lopo Rodrigues Camelo.

Perguntarão agora V. Ex.^{as}, a que propósito o pobre e modesto
numismata sempre tão avaro de dizeres nestas sessões plenárias no
particular da sua especialidade, vem hoje disreter sobre evocação
de antanho de tipo heráldico.

É que nas cercanias de Carnide, no sítio da Luz, por detrás do
belo palácio que foi do Sr. Eduardo May de Oliveira e hoje pertence
à Ordem Franciscana, existe uma propriedade rústica chamada a
Horta Nova, hoje pertença da Ex.^{ma} Senhora D. Ester Eduarda Fer-
reira d'Oliveira Martin Graça, esposa do meu amigo o Engenheiro-

-Agrônomo Ex.^{mo} Senhor Luís Quartin Graça e filha do meu colega e também meu amigo Dr. Eduardo Carlos Camezuli Ferreira d'Oliveira

Essa propriedade inclui várias construções para cómodos agrícolas, entre elas um lagar de vara para vinho, e casas de habitação com um jardim que numa das suas paredes tem embutida uma pedra-de-armas, seguramente dos fins do século XVI, princípios do XVII, cujo conhecimento bem como o do testamento dum seu antigo proprietário, veio casualmente até mim e em absoluto identifica e nos dá a origem e localização da pedra em questão.

A propriedade tem os números de polícia 43 a 49 na estrada do Paço do Lumiar e pertence à freguesia do Lumiar, sítio da Luz. A pedra mede 1,16 m de altura e 0,93 de largura na sua totalidade, sendo 107 cm e 87 cm respectivamente, por dentro da moldura que a enquadra e que na parte inferior tem a legenda: «Operi Manuum Tuarum Porriges Dextra». A pedra inclui um escudo entre folhagens com um Elmo por timbre com coroa sobrepujada de uma mão com uma estrela idêntica à que se vê no escudo. No capítulo Camelos, a páginas 298, Manso de Lima, nas *Famílias de Portugal*, a propósito de Lopo Roiz Camelo, diz:

«... escrevão da Câmara de El-Rei D. Sebastião no ano de 1576 cujas armas são em campos verde uma ribeira de prata em facha entre uma estrêla e uma flor de liz de oiro em contrabanda, á parte direita um braço vestido de brocado com letras que dizem: «Rei» o qual está tirando da Ribeira outro braço vestido de azul e por timbre o braço do brocado com uma estrêla das armas, elmo de prata serrado guarnecido de oiro, paquífe de oiro e azul de prata e verde; assim consta da sua mesma carta de armas na Tôrre do Tombo dada a 10 de Março de 1576 feita em Setúbal, na qual se diz que o dito Rei sendo informado de certa sabedoria dos bons e leais serviços que Lopo Roiz Camelo, seu escrevão da Câmara e da Câmara do Mestrado da Ordem de Cristo lhe havia feito uns ditos cargos e em todas as mais coisas que lhe encarregara dando sempre boa conta de si, e no dia de S. Simão do ano de 1570, vindo El-Rei de Odemira para Coimbra, chegando a uma ribeira lamarosa que havia de passar se adiantara e cometendo o porto dela, pondo em risco sua pessoa e vendo o Rei que uma mão que lhe pedira e em memória de tão verdadeiro amor e leais serviços se não perder e ter galardão com acresecamento e louvor ele Rei com o parecer e acôrdo do seu Conselho e do seu Rei d'Armas principal, por remuneração ao dito Lopo Roiz, e gloria e honra dos que dele descendessem o criava e fazia novamente criada de cota de armas e a todos os seus filhos havidos e por haver e os seus descendentes para sempre, e por isso o removia e apartava do número geral dos homens e couto plebeu e o habitava, reduzia e junto ao couto estima e participação dos nobres e fidalgos de limpo sangue e para ficar mais clareza da sua nobreza lhe dava as ditas armas para insignias da nobreza dele e de todos os seus descendentes por linha direita quer seja masculinos quer femininos para sempre outros nenhuns não; e as ditas armas mandou compor e ordenar expressamente por o dito seu rei d'armas e lhe concede todas as honras, privilégios e liberdades dêste reino; e foi subscrita a dita carta por Jerónimo de Matos escrevão de nobreza.»

No capítulo com o mesmo a propósito, o *Arquivo Heráldico-Genealógico do Visconde de Sanches de Baena*, Lisboa, 1872, a páginas 437, refere descrição semelhante acrescentando como razão da concessão



Pedra-de-armas existente na Quinta da Horta Nova com o brasão de Lopo Camelo

os serviços por ele prestados e por ter livrado o Rei quando caiu a uma ribeira. Dá esta carta como dada em Almeirim a 10 de Janeiro de 1576, registada na Chancelaria de D. Sebastião, livro IX, folhas 76, livro XI, folhas 71.

Por sua vez Vilas-Boas e Sampaio na sua *Nobiliarquia Portuguesa* na edição de 1676 que possuo, diz a páginas 252:

«... vindo El-Rei de S. Marcos para Tentugal, quando foi a Coimbra, achou caída a ponte por onde havia de passar e intentando atravessar a vala Lopo Rodrigues o advertiu que o passo era fundo e perigoso, ao que o Rei lhe disse: ora passai primeiro.

Assim o fêz ele lançando-se à vala com o cavalo e se cravou em ela de maneira que lhe não ficou de fora mais que o pescoço e um braço. O que vendo El-Rei gritou que lhe desse a mão, e lhe pegou dela com tanta fôrça que o tirou salvo a terra e para memória do caso deu, em 1576, a petição sua, as armas referidas.»

Estou em crer que pela disposição das mãos nas armas referidas, a do Rei por cima e fora da ribeira, esta é a melhor versão, sendo dado o prémio da concessão das armas à obediência e sacrifício de Lopo Camelo. S. Marcos, o início da viagem referida por Vilas-Boas, era uma coutada, segundo me informa o nosso confrade Matos Sequeira ter visto num pergaminho da época que possuí, e situada no termo de Queluz, cerca de Albarraque e de que na toponímia local ainda perdura uma pequena povoação. Gabriel Pereira não alude a esta Pedra-de-Armaz em nenhuma das suas monografias sobre a região.

Vamos agora ver a localização primitiva da pedra citada.

Em 11 de Agosto de 1855, falecia no 2.º andar do então n.º 20 da Rua Augusta em Lisboa, o Coronel de Engenheiros, João de Sousa Pacheco Leitão que deixou testamento cerrado, curioso nos seus dizeres e disposições e que numa das suas alíneas refere a localização da pedra que estamos tratando. Este Oficial foi autor da *Genecida*, poema publicado em 1835-36 em Lisboa, em dois volumes de 8.º, respectivamente com 412 e 419 páginas além de mais 20 de prefácio e 10 de erratas e tabelas, inserindo cada volume uma litografia de Sendim sendo a do 1.º volume o retrato do autor fardado com dragonas, com óculos de vidro fosco e cego do olho direito, descoberto, ostentando o hábito de Avis e a do 2.º volume uma alusão ao canto 10.º do poema, vendo-se duas figuras apontando no Céu o templo da imortalidade. São ambas impressas a preto na litografia da Rua Nova dos Mártires.

Pacheco Leitão assentou praça em 4-12-1796, foi promovido a coronel graduado de engenharia em 13-5-1819, tendo passado ao batalhão de veteranos, por ter sido dado por incapaz pela junta médica em 28-8-1850.

Nasceu em 1771, e faleceu em 11 de Agosto de 1855, com 84 anos de idade. Foi lente de tática na Academia Militar do Rio de Janeiro, donde regressou em 1823, «não tendo lá gosado a melhor saúde e

servindo sempre com muito préstimo e bastante talento; tem muitos conhecimentos e no Brasil perdeu um olho» assim o informa o Marechal-de-Campo Manuel de Sousa Ramos, Comandante-Geral do Real Corpo de Engenheiros em 1826, nas suas informações semestrais existentes no Arquivo Histórico Militar onde também se encontra um exemplar da sua obra.

O seu poema a que ele próprio chama filosófico e alegórico, trata da luta da liberdade contra a tirania e foi publicado só com as suas iniciais J. S. P. L. e com a anotação, entre os antigos pastores do Tejo — Lucrécio Ullissiponense.

São numerosos os versos compactos e profundamente filosóficos e alegóricos.

O seu testamento a que aludi já, é manancial, curioso de citações pitorescas.

Foi feito em Lisboa em 1-8-1850 e aprovado em 31 do mesmo mês e ano pelo notário de Lisboa, António Simão de Noronha no seu cartório na Rua Áurea. Nele se confessa o Coronel João de Sousa Pacheco Leitão, casado em segundas núpcias, sem sucessão e sem esperança de a ter, ser católico e diz «testamento escrito pela minha mão. Em nome da Santíssima Trindade. Prevendo que eu possa ser chamado a contas pelo Altíssimo e achando-me de posse das minhas faculdades disponho dos meus bens terrenos da forma seguinte invocando a justiça e a verdade».

Depois refere os seus legados primeiro a sua Esposa, depois a parentes e servidores sempre com anotações filosóficas e pitorescas. Discute os seus créditos em aberto e ao legar a sua Quinta da Horta Nova, escreve: «A minha propriedade e quinta da Horta Nova por ser uma herdade antiquíssima, de meus antepassados, D. João da Ribeira descendente de Lopo Camelo, aio de D. Sebastião que o salvou de morrer afogado na ribeira do Tojal andando à caça (veja-se Faria e Sousa) cujo facto existe nas suas armas que estão sobre a porta da escada e que foram mandadas fazer por esses mesmos antepassados; proíbo expressamente que se venda a estranhos mas que passe para parentes que a unam a seus bens e se possível for a vinculem e que se eles a queiram vender seja metade do preço para a Misericórdia», lega-a sucessivamente em usufruto a vários parentes a começar pela Esposa e finalmente à sobrinha que tiver menos fortuna e na falta de sucessão desta sempre entre parentes, ainda que, *sic*, se vão buscar os mais remotos.

Isto deu ocasião em Fevereiro de 1861 a uma consulta à Associação dos Advogados de Lisboa que reunia em conferência antecessora do actual Instituto de Conferência da Ordem respectiva, pelo parecer de 20 advogados da época opinaram pela nulidade do disposto em face da legislação vigente. É curioso que um dos conferencistas veio a ser mais tarde sobrinho dum, pai doutro e avô da actual proprietária do imóvel, que foram respectivamente o Sr. Jacinto d'Oliveira, que

foi professor de filosofia, ao que me informam, irmão do falecido médico lisboeta Dr. José Eduardo de Oliveira, membro do Grupo «Os Vencedores da Medicina» que para o estudo da Bromatologia prática realizavam reuniões periódicas com fartos repastos a que pertenceram entre outros os Profs. Serrano, Sousa Martins, Júlio de Matos e Carlos Tavares e os Drs. Alfredo Luís Lopes, Gregório Fernandes, Bettencourt Rodrigues, Cupertino Ribeiro, Fragoso Tavares, Teixeira de Queirós e outros.

O advogado que citei foi o Governador Civil de Lisboa, Conselheiro Carlos José de Oliveira, notável perito em questões comerciais que com seus filhos o notário May d'Oliveira e o advogado Dr. Júlio, e penúltimo proprietário da Quinta, tiveram consultório no 1.º andar da Rua Augusta onde hoje está a Casa Africana e então tinha entrada pelo n.º 74 da Rua da Vitória.

Outra disposição curiosa do testamento é sobre o funeral: só com a sobrecasaca, lançado à terra com uma lápide que modestamente apontasse: «Aqui jaz o autor da Genecida», verdadeiro anonimato perpétuo, que eu agora venho desvendar e sempre a cominação da multa para a Misericórdia se não cumprissem; manda que o acompanhamento seja «aos lados da sege, não laçaios com archotes alumiando os cavalos porque eles bem vêem o caminho, mas seis pobres de cada lado, a quem se dê de esmola 480 e uma vela de cera de meio arrátel, que levarão apagada, só a acendendo quando da encomendação do costume. O resto da cera será para os mesmos pobres».

Não quis levar insígnias, mesmo porque as não tem (tinha pelo menos a de Avis), preferia a mortalha de Cristo e quis só uma missa por sua alma, «dita por um religioso de boa moral e manda dar cinco moedas aos miseráveis e vagabundos que ondeiam às portas dos finados». Finalmente num rebate da sua mal contida modéstia diz referindo-se aos testamenteiros: «se excessos da sua amizade suplantarem o meu último desejo sobre o meu funeral não lhes comino a pena acima, e quando disse a espécie humana não é mais que uma raça de animais mais perfeita do que as outras, não foi mais do que uma expressão simplesmente filosófica. Eu curvo a minha cabeça a quanto nos dita a nossa Santa Religião que professo e ao Eterno Criador do Universo.»

Sempre filósofo, mas a tempo se arrepende. Ainda bem.

Assim parece-me ter dado notícia a V. Ex.^{as} duma pedra-de-armas que andava desconhecida, localizei o sítio onde aconteceu o caso que lhe deu origem, a sua primitiva colocação e bem assim a coutada de S. Marcos, amenizando tudo com os dizeres póstumos do testamento elucidativo do Engenheiro-Filósofo e Poeta Olisiponense Pacheco Leitão.

Devo à amabilidade dos actuais proprietários, do meu colega Dr. Camezuli Ferreira e do nosso confrade Coronel Ferreira de Lima o terem-me facultado respectivamente a visita ao local, fotografias

e documentos e as pesquisas no Arquivo Histórico Militar que o último tão proficientemente dirige. É o achado da índole dos nossos estudos e pertence particularmente à História Olisiponense tão do meu agrado e predilecção.

Mero entretenimento para uma noite de verão.

Seja este tributo que é honra para mim, de voz falar deste local, quase 20 anos passados depois da minha entrada nesta casa, pago em moeda da minha terra natal, não fosse eu um numismata olisiponense, aliás pago por mim mas com o sacrifício único de V. Ex.^{as} que tiveram a bondade de me ouvir e eu muito agradeço.

Tenho dito.

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

S. A. R. L.

Capital Realizado Esc. 200.000.000\$00

Reservas Esc. 110.000.000\$00

RUA DO COMÉRCIO, 95 A 119

L I S B O A

Filiais - Porto, Coimbra, Braga, Covilhã, Faro, Guimarães e Ponta Delgada.

Agências - Abrantes, Alferrarede, Anadia, Castelo Branco, Espinho, Estoril, Figueiró dos Vinhos, Gouveia, Guarda, Leiria, Mangualde, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Olhão, São João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Vila Franca de Xira.

Dependências urbanas:

LISBOA - Alcântara, Almirante Reis, Belém, Benfica, Camões, Campolide, Conde Barão, Graça, Poço do Bispo, Praça do Brasil, Praça do Chile, Praça Duque Saldanha e Praça de Londres.

PORTO - Carvalhinho, Costa Cabral e Matosinhos.

T O D A S A S O P E R A Ç Õ E S B A N C Á R I A S

Pérola do Rossio

L i m i t a d a

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas

para

Todo o País e Estrangeiro

Rossio, 105 • Lisboa • Telef. 20744

ACTIVIDADE CULTURAL

no Trimestre Passado

No domingo, 6 de Julho, numerosos sócios e senhoras de suas famílias deslocaram-se à Igreja de Santo Estêvão em Alfama onde, no adro, foi proferida uma conferência sobre o local pelo nosso consócio Sr. Ferreira de Andrade. A seguir à conferência foi visitado o templo sob a direcção do reverendo pároco Sr. Padre Vítor Roberto dos Santos que mostrou aos visitantes além do recheio do templo, lindas iluminuras, alguns códices e notáveis alfaias e objectos de culto.

Na quinta-feira 17, realizou-se na sede a XXIV sessão dos *Colóquios Olisiponenses* a que presidiu o nosso Secretário-Geral, secretariado pela Sr.^a D. Guida Keil e pelo Sr. Dias Pereira. O consócio Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento, leu o seu trabalho «A propósito de Alfama», e o Doutor Eduardo Neves, dissertou sobre «Medalhas e Insígnias com motivos olisiponenses», tendo apresentado alguns exemplares, não citados no seu trabalho «Lisboa na Numismática e na Medalhística», publicado em 1942:

«Em 1942 tive ensejo de, numa conferência sobre «Lisboa na Numismática e na Medalhística», uma do tríptico sobre Lisboa, que aqui realizei, em que as outras foram: «Lisboa nos Ex-Libris» e «Lisboa na Sigilografia e na Filatelia», todas publicadas, excepto a última; falar aos nossos consócios sobre algumas medalhas com referência olisiponense.

Hoje — passados 16 anos —, estas contas são sempre simultaneamente penosas e agradáveis para os de cabelos brancos, penosas, por já, sobre os anos então tidos, juntar mais os que passaram, agradáveis, por vermos ser possível voltar ao assunto apesar disso. Oxalá, o «Colóquio» não dê nota nítida da influência dos anos passados.

São várias, as espécies desde então surgidas e algumas estão representadas na minha colecção e na do Grupo e por isso se apresentam.

Sem intuito de conferência, mero colóquio, na falta de melhor, delas vos direi algo.

Não serão interpretações, como agora é de uso, são constatações certas e descrições sumárias mas exactas.

Graças à amenidade do nosso clima e à quietude da nossa vida, numerosos têm sido, são e continuam a ser, graças a Deus, os congressos realizados em Lisboa e todos eles têm insígnias próprias, todas são, pois, lisiponenses, algumas têm porém, intrinsecamente, a sua marca gráfica ou alegórica.

Trago-vos a insígnia do XXI Congresso Internacional de Habitação e Urbanismo, realizado em Lisboa em 1952, as do Congresso do Mundo Português, realizado em 1947 e a da Reunião das Juntas de Freguesia do Distrito de Lisboa, realizada em 1957. O Grupo possui, e eu também, as insígnias usadas pelos vários funcionários e colaboradores do VIII Centenário da Tomada de Lisboa, comemorado em 1947.

Desde o papel impresso até ao lindo esmalte, tudo há. Últimamente é de uso acrescentar à insígnia um travessão com o nome do congressista e seu país de origem.

Das medalhas, por ordem cronológica, referirei as que vos trouxe.

A) A da comemoração do XV Aniversário do Curso Médico de 1918-1923. Placa originária das oficinas de J. Anjos, de restrito número de exemplares, só para os componentes do Curso. É da minha colecção, e foi emitida em 1938.

B) Medalha de cobre comemorativa do VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros. É da autoria de Álvaro de Brée. Apresenta as Armas da Cidade, pertence à colecção do Grupo e foi emitida em 1947.

C) Medalha n.º 18 do Círculo Camiliano, exemplar fundido, uniface da autoria de Raul Xavier. Fundiram-se só cerca de 30 exemplares. É restrito o número de sócios deste singular agrupamento, que não tem sede, não tem quotas, não tem estatutos nem corpos gerentes. Teve um órgão «Camiliana & Vária» de que se publicaram, creio que só 5 números. É da minha colecção e foi emitida em 1949.

D) Medalha comemorativa de D. Carlos, Duque de Bragança, com a sua efígie e a sua legenda: «Depois de vós, nós»; o contrário de que hoje muitos usam. É da autoria do Numídico Bessone, editada pela Fundação da Casa de Bragança. Há exemplares de cobre e prata. É da minha colecção e foi emitida em 1953.

E) Medalha de cobre comemorativa do Dr. Alberto Mac-Bride Fernandes, da autoria de João da Silva. Além da sua efígie, de olisiponense de nascimento, nosso sócio fundador, antigo membro da Junta Directiva e falecido em presidente da nossa Assembleia Geral, a medalha apresenta no reverso a porta do edifício do Hospital de S. José. É da colecção do Grupo e foi emitida em 1953.

F) Medalha comemorativa do Primeiro Centenário da Fundação da Associação de Socorros Mútuos de Empregados do Comércio e Indústria de Lisboa. É da autoria de João da Silva. Esta Associação é a conhecida Associação da Rua da Palma, onde em edifício próprio, tem as suas instalações, construídas no antigo Parque Folgosa, onde foi o Paraíso de Lisboa, e quase junto ao antigo Coliseu da Rua da Palma. É da minha colecção e foi emitida em 1954.

G) Grande placa de bronze, desenho de D. Rebelo e escultura de M. Norte, comemorativa do lançamento à água do navio «Gil Eanes» e que tem representação da assistência aos pescadores, Escola de Pesca de Pedrouços, edifício de Lisboa da Organização Corporativa de Pescas. É da minha colecção, foi emitida em 1955 e é, certamente, das maiores placas comemorativas portuguesas.

H) Medalha comemorativa da regata Torbay-Lisboa, de cobre. Esta medalha comemora, uma realização que teve larga repercussão desportiva internacional. É da minha colecção e foi emitida em 1956.

I) Para fechar com chave-de-ouro, referirei, da colecção do Grupo, a Medalha de Ouro da Cidade, que a Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa nos concedeu em 1956 e que contém, em qualquer das faces, as Armas da Cidade e constitui a mais alta distinção municipal e que nos foi concedida, a propósito do XX Aniversário da nossa fundação.

Mais vos poderia trazer, mas para VINTE MINUTOS que o regulamento permite, mais não era mister, e a mim mais do que a ninguém incumbe cumprir o estabelecido, mesmo para defesa de V. Ex.^{as}, é o que fiz sobretudo com esse intuito.»

Nessa sessão o Secretário-Geral, que presidia, teve palavras de saudade para o falecido consócio n.º 1000, Sr. Eduardo Portugal, a que o OLISIPO n.º 83, já prestou homenagem, e que sempre tão solícito colaborava nas iniciativas do Grupo. Por ser quase exclusivamente com espécies da sua colecção, não pôde realizar-se a 26.^a Exposição Evocativa das Reconstituições de Lisboa Antiga.

Em 10 de Agosto, para encerrar as actividades culturais do actual ano social, em dois autocarros e alguns automóveis, cerca de um cento de pessoas, sócios e famílias, deslocaram-se em visita de estudo à Estação Zootécnica Nacional da direcção do médico-veterinário Sr. Dr. Joaquim Portugal, visita que foi dirigida pelo Sr. Dr. José Carrilho Ralo e que em todos deixou as melhores impressões. Esta visita demorou cerca de 3 horas.

Depois os visitantes deslocaram-se a Santarém, onde almoçaram no Hotel Central, visitando de seguida, sob a direcção do consócio Sr. Capitão Júlio da Costa Pinto, o miradouro de S. Bento (donde assistiram a uma Picaria), as Igrejas de Santa Clara e de S. Francisco, e os Paços do Concelho.

No regresso visitaram a vivenda do Sr. Capitão Costa Pinto, no Vale de Santarém, onde estão recolhidas algumas pedras de vestutos monumentos da região.

E assim terminou a actividade cultural do ano, que recomeçará em Novembro próximo.

E. N.



Um folheto curioso

ENTRE as várias espécies que todos os dias chegam à nossa Biblioteca, por oferta, permuta ou compra, aparece trazida ainda pelo nosso saudoso consócio Eduardo Portugal, um folheto de dezasseis páginas, impresso em Lisboa em 1822, na Impr. de António Nunes dos Santos, intitulado «Testamento que fez Manuel Braz Mestre Sapateiro». O folheto que na capa tem uma pequena gravura de madeira representando um quarto com uma cama onde está um indivíduo deitado, e que no primeiro plano tem uma mesa com três cavalheiros, um dos quais escrevendo.

O folheto mede 16 × 11 cm e a gravura 6 × 4,5 cm.

O texto é todo em verso. «Prólogo ao Leitor», «Aprovação do Testamento» e «Disposição do Testamento», são os seus capítulos, e no segundo consta que foi feito na nossa Lisboa ocidental, aos 21 do presente mês de 1733.

Nas verbas dos legados, todos jocosos e fictícios, há um legado de dois tostões para as obras de Santa Engrácia e de um tostão para as do Conde de Tarouca, aos Padres de S. Roque «recomendo que aquilo que tiverem vão comendo» e, aos Padres da Cotovia deixa aos seus paren-

tes que reclamem para que eles alguma coisa lhe não apanhem, ao Hospital deixa as suas enfermidades, à Misericórdia deixa 30 réis com a obrigação e fundamento de mandar logo fundar um convento, aos Padres do Quental, por esmola, lhes deixa o seu Convento, e, aos de Aldeia Galega, algumas das suas cabeleiras, porque os seus antepassados sempre foram muito mal encabelados.

É de ler, pela jocosidade da época, o folheto que ora nos parece sem interesse, mas numa comunicação que em tempos fiz na Associação dos Arqueólogos Portugueses, sobre «Uma Recordação Sebástica no Sítio da Luz», referi verbas de um testamento dum dos seus passados proprietários, por sinal oficial de marinha, falecido na Rua Augusta, em que, de facto, e em verdade, em documento autêntico, se referem legados, como: a obrigação de uns tantos pobres acompanharem o funeral com brandões de cera, mas apagados, por os cavalos bem saberem o caminho, as suas botas, ao seu criado pelo muito que andou ao seu serviço, etc., como se refere no artigo publicado neste número sob o título «Uma Recordação Sebástica no Sítio da Luz».

E. N.

LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS
À VENDA NA SEDE



VÁRIA

PREÇOS

	Sócios	Público
Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
A Cor de Lisboa	13\$50	15\$00
Olisipos (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34, e 43) ... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
Evocação do Café-Restaurante Tavares	4\$00	5\$00
Jantar de Confraternização na Casa do Leão	4\$00	5\$00

A. VIEIRA DA SILVA

O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa	13\$50	15\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

DR. ALFREDO DA CUNHA

Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe	13\$50	15\$00
A Torre do Bugio	18\$00	20\$00

DR. ANTÓNIO QUADROS FERRO

O Enigma de Lisboa	7\$00	7\$50
---------------------------	-------	-------

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
O Campo de Santa Clara... ..	13\$50	15\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
Bagalhas de tempo vário	9\$00	10\$00

AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca	18\$00	20\$00
------------------------	--------	--------

DR. EDUARDO NEVES

Homenagem a Matos Sequeira... ..	13\$50	15\$00
Um Arcebispo-Primaz natural de Lisboa	13\$50	15\$00
João Alberto Pereira de Azevedo Neves	13\$50	15\$00
Um desenho a pena da autoria de Júlio Castilho	13\$50	15\$00

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	13\$50	15\$00
--------------------------------	--------	--------

P.^o FRANCISCO LEITE FARIA

Lisboa e S. Lourenço de Brindes	13\$50	15\$00
Alvorço na Lisboa setecentista	13\$50	15\$00

FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras... ..	22\$50	25\$00
O Senado da Câmara e a Guerra Civil	27\$00	30\$00
Três Touradas no Terreiro do Paço	13\$50	15\$00
Palácios Reais de Lisboa	45\$00	50\$00
Guia do Orlisipo n. ^{os} 1 a 11 cada	7\$50	8\$00
» » » n. ^{os} 12 a 21 cada	9\$00	10\$00
Visite Lisboa, 5. ^a ed.	71\$00	90\$00
Vinte e cinco anos na vida duma capital	54\$00	60\$00
Portugal País de Turismo, 2. ^o , 3. ^o , 4. ^o e 5. ^o vols. cada	135\$00	150\$00
Idem, idem, 6. ^o vol.	162\$00	180\$00
Lisboa das sete colinas	36\$00	40\$00
Lisboa vista em 5 dias	13\$50	15\$00

DR. GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
D. Gilberto	13\$50	15\$00

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	9\$00	10\$00
Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
---	-------	--------

JOÃO MONTEIRO

Estrada de Sacavém	27\$00	30\$00
---------------------------	--------	--------

JOAQUIM ROQUE DA FONSECA

A Urbanização de Lisboa	13\$50	15\$00
--------------------------------	--------	--------

LUÍS MOITA

O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses 7\$00 7\$50

LUÍZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina 6\$70 7\$50
A Rua das Canastras 7\$20 8\$00
Críticas, Correções e aditamentos à «Lisboa de ontem e de hoje»
do Sr. Paulo Freire 9\$00 10\$00
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da
Freguesia da Sé 9\$00 10\$00
Ascendentes de Camilo 13\$50 15\$00

LUÍS TEIXEIRA

O «Diário de Notícias» e o Século XIX 4\$50 5\$00

LUÍS TRINDADE

Janelas de Alfama 18\$00 20\$00

DR. MANUEL VICENTE MOREIRA

O Problema da Habitação 27\$00 30\$00

MÁRIO COSTA

Da Rua Nova à Rua dos Capelistas 18\$00 20\$00
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com
Carlos II de Inglaterra 9\$00 10\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da
Escola Politécnica 13\$50 15\$00
O Sítio de Santo Amaro 18\$00 20\$00
O Palácio do Manteigueiro 18\$00 20\$00

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

A Igreja e o Convento da Graça 13\$50 15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.ª Maria de Belém 45\$00 50\$00

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia a S. Vicente... .. 9\$00 10\$00

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas
da edificação citadina 9\$00 10\$00

DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ

Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... .. 45\$00 50\$00
A Quinta da Torrinhã ao Vale do Pereiro 18\$00 20\$00

TINOP

Lisboa de Outrora, 1.º, 2.º e 3.º vols.... .. cada 13\$50 15\$00



GAIVOTAS, LDA.

FÁBRICA DE VIDROS E CRISTAIS

Fundada em 1811

Telefs. 663177/78

Especializada em todo o género de vidraria para iluminação, frascaria para perfumaria e laboratórios e artigos domésticos

A alta qualidade do seu fabrico corresponde a preferência dada aos seus produtos por uma vasta Clientela da Metrópole, Ultramar e Estrangeiro

Fábrica: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

Escritório: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 20-C 1.º

Casa de venda ao público: RUA DAS GAIVOTAS, N.º 14 a 24

LISBOA

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES

(Industriais, etc.)

FOLHA DE FLANDRES E AÇOS

EXPORTAÇÕES

IMPORTAÇÕES

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.

FÁBRICA DE LOIÇA DE SACAVÉM (S. A. R. L.)

1850

TELEFONES P. P. C. :

2 4958 - 2 3902 - 3 5941 - 3 67276 - 3 6824

Faianças de Fantasia e de uso doméstico . Loiça Sanitária e de Grés Cerâmico . Azulejos . Mosaicos

A mais perfeita Fabricação

LISBOA - Av. da Liberdade, 49/57

PORTO - Rua dos Carmelitas, 40
Telef. 2 20 33

COIMBRA - Rua Dr. Rodrigues, 13
Telef. 2 35 44

Casa Batalha

FUNDADA EM 1635

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 21368 - 21227 - 30054 — LISBOA

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS
AUTORES

—
Grandes e pequenas
quantidades

—
LIVRARIA «ECLÉTICA»

Calçada do Combro, 58

Telef. 2 8663 LISBOA



A LÂMPADA
LUMIAR

ENSINA A POUPAR

PAPELARIA
CARLOS

Rua do Ouro, 34, 38

Telef. 2 02 44

Teleg. PAPELCAR

LISBOA

CARLOS FERREIRA, LDA.

Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

—
Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

« PEREGRINAÇÕES EM LISBOA »

a afamada obra do saudoso escritor

NORBERTO DE ARAÚJO

com ilustrações de Martins Barata. 15 tomos a 12\$00 cada um.

Encadernada, em 3 volumes, em percalina 350\$00, em pele 500\$00

Edição de

PARCERIA ANTÓNIO MARIA PEREIRA

L I S B O A

CASA AFRICANA

●
**PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS**

●
**ON PARLE
FRANÇAIS**

●
**ENGLISH
SPOKEN**

●
Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para **HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS**

●
Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64 - 65 P. B. X.
LISBOA

●
Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO

●
Edifício do Cruzeiro — ESTORIL

OURO, PRATA E JOIAS BARATÍSSIMAS

●
Grande sortido de objectos de ouro em 2.ª mão só pelo peso

VENDE

a Antiga Ourivesaria

MIGUEL A. FRAGA, L.^{DA}

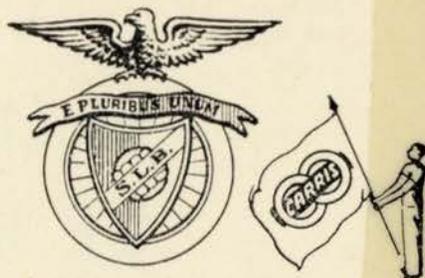
Pavilhão dos Ourives - Largo Martim Moniz, Loja 18 - Tel. 86 42 03 - LISBOA

SPORT LISBOA E BENFICA

FUNDADO há cinquenta anos, o Sport Lisboa e Benfica ocupa presentemente na vida desportiva do País um dos primeiros lugares. Os anos que passam, longe de envelhecerem o glorioso clube, parece que o remoçam, dando-lhe cada vez mais força e vitalidade. O Estádio da Luz, recentemente inaugurado e construído num tempo recorde, é público testemunho de uma mística clubista que gerou a força inquebrantável daquele «querer» que constitui um dos motivos mais aliciantes do desporto português.

Comendador da Ordem Militar de Cristo, Oficial da Ordem de Benemerência e Mérito Desportivo, o popular «Benfica», com 20 modalidades praticadas por algumas centenas de atletas, já conquistou, em futebol, 3 Campeonatos de Portugal; 4 Campeonatos Nacionais; 10 Campeonatos de Lisboa; 3 Campeonatos das Ligas; 7 Taças de Portugal; e uma Taça Latina. Em óquei em patins, ganhou 15 Campeonatos de Lisboa e 2 Campeonatos Nacionais; e em patinagem artística, 19 Campeonatos Regionais e 14 Nacionais. Nas restantes modalidades é o Clube com maior número de campeonatos conquistados, conforme o atestam 2.250 taças e diversos troféus.

Possui o Sport Lisboa e Benfica cerca de 23.500 associados, tudo fazendo prever que este número aumente de ano para ano, num crescente de valorização e popularidade que muitas glórias ainda pode acrescentar ao prestígio do próprio Clube e do desporto nacional.



SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

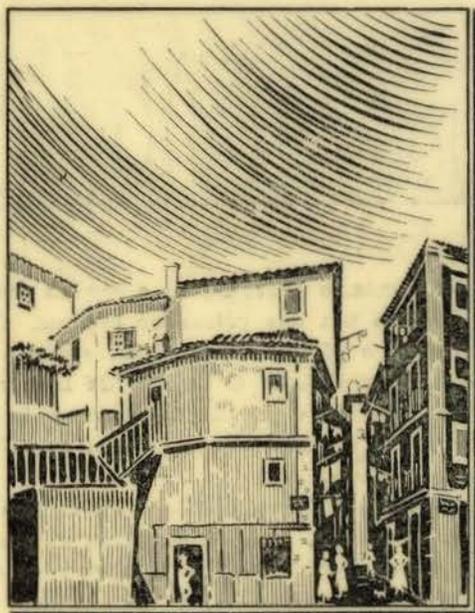
LUABO

e

MARROMEU

PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

NA LISBOA
DE ONTEM



E

NA LISBOA
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

BENZO-DIACOL